

CONSTRUÇÕES COM X-INHO/A: UMA ANÁLISE NO ÂMBITO DA LINGÜÍSTICA

FUNCIONAL CENTRADA NO USO

CONSTRUCTIONS WITH X-INHO/A: AN ANALYSES FROM THE PERSPECTIVE OF USAGE-BASED

FUNCTIONAL LINGUISTICS APPROACH

Deborah Rheesa Santos¹

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda²

RESUMO

Este artigo tem como finalidade a descrição do pareamento forma-função das microconstruções representadas por {[X^{N/ADJ/ADV}]-inho/a}, em que X pode ser substituído por um nome, um adjetivo ou um advérbio, tal como *salinha*, *bonitinho*, *pouquinho* etc. Assume-se, para tanto, o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), que tem como pressupostos básicos a renovação da língua pelo uso, o estudo da gramática e do discurso simultaneamente e a correlação entre formas e funções linguísticas. Adota-se como procedimento metodológico o método misto, nos termos de Cunha Lacerda (2016), o qual se baseia no levantamento da frequência de uso e na descrição de ocorrências representativas do objeto analisado. Para o levantamento e a análise das ocorrências, foi constituído um *corpus* sincrônico oral, a partir de vídeos retirados da plataforma YouTube, pertencentes aos gêneros *vlog* e *podcast*. Contamos ainda com o recurso do software Praat para análise acústica da fala. Os resultados obtidos apontam que o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, instanciaria na língua seis padrões microconstrucionais. Assim, observa-se que construções com *X-inho/a* cumprem diferentes propósitos comunicativos na língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Funcional Centrada no Uso. Abordagem construcional da mudança. Diminutivo.

ABSTRACT

This article aims to describe the form-function pairing of microconstructions represented by {[X^{N/ADJ/ADV}]-inho/a}, in which X can be replaced by a noun, an adjective, or an adverb, such as “*salinha*”, “*bonitinho*”, “*pouquinho*” etc. The research is aligned with the Usage-Based Functional Linguistics approach (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), which assumes as its presuppositions the renewal of language through usage, the simultaneous study of grammar and discourse, and the correlation between linguistic forms and functions. The methodological procedures follow the mix method, as proposed by Cunha Lacerda (2016), which is based on the survey of the frequency of use and the description of the occurrences of the constructional patterns analyzed. The data collection and analysis were conducted using a synchronic oral *corpus* composed of videos from YouTube, specifically from the vlog and podcast genres. Acoustic analysis was also performed using the Praat software. The results indicate that the diminutive suffix *-inho/a* instantiates six distinct microconstructional patterns in Portuguese. Thus, constructions with *X-inho/a* fulfill different communicative functions in the language.

KEYWORDS: Usage-based Functional Linguistics. Constructional approach to change. Diminutive.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), deborahrsantos2016@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0006-8145-9893>.

² Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), patricia.cunha@ufjf.br, <https://orcid.org/0000-0002-0970-224X>.

1. Introdução

Neste artigo, apresentamos um recorte da pesquisa desenvolvida na nossa dissertação de Mestrado, defendida em 2024, no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação da Profa. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda. Investigamos a mudança linguística que derivou novos pareamentos forma-função com o diminutivo, em que o sufixo *-inho/a* combina-se com um nome, um advérbio ou um adjetivo.

Assumimos o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também LFCU – (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), o qual concebe a língua como interação, ou seja, a atividade linguística é entendida como uma ação social e culturalmente compartilhada. Nesse sentido, o falante e o ouvinte negociam sentidos no curso da interação comunicativa devido às necessidades semânticas, pragmáticas e discursivas, fazendo emergir novos padrões construcionais na língua.

A língua, desse modo, está em constante transformação, dado que o falante busca ser cada vez mais expressivo devido a novas necessidades comunicativas. Dessa forma, a comunicação é uma ação intersubjetiva, na qual o locutor considera a face do outro (Goffman, 1967) para se proteger ou ameaçar ou também proteger a face do seu interlocutor. Assim, a gramática e o léxico de uma língua estão em constante renovação por meio das mudanças linguísticas, refletindo toda a negociação de sentido entre os participantes da interação.

Por esta razão, pode-se afirmar que novas construções emergem na língua, as quais são constituídas, segundo Goldberg (1995, 2006), de pareamentos forma-sentido e, de modo mais atual, de acordo com a própria autora, de pareamentos forma-função (Goldberg, 2016). Portanto, a língua é composta por um inventário de construções hierarquicamente organizadas. A LFCU tem como princípios básicos que a unidade básica da língua é a construção (Goldberg, 1995, 2006, 2016) e que a língua se organiza a partir de extensas redes construcionais (Croft, 2001).

Conforme Croft (2001), o polo do sentido traduz todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção. Assim, atuam sobre a função as propriedades de natureza semântica, pragmática e discursiva. Já no polo da forma, operam as propriedades de natureza sintática, morfológica e fonológica.

Nesse sentido, a língua adapta-se às necessidades comunicativas dos falantes. Defendemos, assim, o conceito de gramática emergente, que pressupõe que toda gramática passa por constante (re)formulação e de (re)elaboração, que se dá por meio do contexto de uso (Gonçalves *et al.*, 2007; Furtado da Cunha, 2008; Furtado da Cunha *et al.*, 2013).

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo a descrição dos pareamentos forma-função dos padrões microconstrucionais representados por $\{[X^{N/ADJ/ADV}]\text{-inho/a}\}$, em que *X* pode ser substituído por um nome, um adjetivo ou um advérbio, que instancia, na língua portuguesa, diferentes propósitos comunicativos.

Para a investigação das microconstruções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, no contexto da LFCU, nos pautamos, mais pontualmente, em Traugott e Trousdale (2013), que descrevem um modelo para o tratamento da mudança linguística sob uma perspectiva construcional.

Como procedimento metodológico, adotamos o equacionamento entre o cálculo da frequência de uso e a análise qualitativa, nos termos assumidos por Cunha Lacerda (2016). As ocorrências das microconstruções representados por $\{[X^{N/ADJ/ADV}]\text{-inho/a}\}$ foram coletadas de um *corpus* sincrônico oral, composto por vídeos retirados da plataforma YouTube.

A fim de cumprir o objetivo proposto, este artigo organiza-se da seguinte maneira: na seção 2, tratamos dos pressupostos teóricos que fundamentam a análise empreendida neste trabalho; na seção 3, apresentamos os procedimentos metodológicos; na seção 4, apresentamos os resultados obtidos a partir da análise realizada; por fim, na seção 5, sistematizamos as considerações finais.

2. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos fundamentais

A Linguística Funcional Centrada no Uso – também conhecida como LFCU – compreende uma denominação, assumida no Brasil, para a coadunação entre pressupostos fundamentais do funcionalismo clássico de vertente norte-americana e pressupostos também fundamentais da Gramática de Construções (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), especialmente, em relação a três correntes específicas, a saber: a) Gramática de Construções Cognitiva – *CognitiveConstructionGrammar* –, de Goldberg (1995, 2006, 2016); b) Gramática Cognitiva – *CognitiveGrammar* –, de Langacker (1987, 1991); c) Gramática de Construções Radical – *Radical ConstructionGrammar* –, de Croft (2001).

De maneira geral, essa corrente que se pauta na conjugação entre o funcionalismo clássico de vertente norte-americana e a Gramática de Construções tem recebido a denominação de *Usage BasedLinguistics* – Linguística Centrada no Uso – ou *Cognitive-Functional Linguistics* – Linguística Cognitivo-Funcional (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013). Já no Brasil, de maneira bastante particular, essa vertente mais contemporânea do Funcionalismo tem sido denominada de Linguística Funcional Centrada no Uso a fim de que, primordialmente, seja demarcada a identidade funcionalista em uma Linguística que seja centrada no uso.

A LFCU assume que a unidade básica da língua é a construção, partindo da indissociabilidade entre os aspectos de ordem formal e os aspectos de ordem funcional e considerando, nesse sentido, que as novas construções que emergem se ancoram tanto em processos cognitivos de domínio geral bem como no uso da língua. Também nesse modelo, a língua, como outros sistemas cognitivos, é considerada uma rede de nós, em que cada construção compõe um nó na rede.

No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, a noção de mudança é central. E, nesse contexto, a publicação da obra *Constructionalization and Constructional Change*, publicada por Traugott e Trousdale (2013), assume um papel crucial. Nessa obra, os autores propõem um modelo teórico para a compreensão da mudança, considerando a centralidade da noção de rede construcional

e defendendo que a língua, tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico, constitui-se a partir de redes taxonômicas de construções, as quais seriam hierarquicamente constituídas e organizadas.

Nesse sentido, os autores operam com a diferenciação entre três níveis de esquematicidade, a saber: microconstrução, subesquema e esquema (Traugott; Trousdale, 2013). As microconstruções compreendem as construções individuais propriamente ditas, que se realizam a partir de um pareamento entre forma e função e já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Por sua vez, os subesquemas envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre microconstruções diversas, e os esquemas possuem uma natureza altamente abstrata e esquemática, compreendendo as construções mais genéricas da rede e abarcando as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento (*slots*).

Os autores também consideram que a mudança opera em duas diferentes dimensões (Traugott; Trousdale, 2013): construcionalização e mudança construcional. Enquanto a construcionalização envolve a emergência de novas construções na língua a partir do pareamento entre forma e significado, as mudanças construcionais estão relacionadas à dimensão interna da construção, uma vez que são afetados os subcomponentes de uma construção já existente, sejam eles relacionados à forma (subcomponentes de natureza fonética, morfológica e sintática) ou ao significado (subcomponentes de natureza semântica, pragmática e discursiva).

Ainda, como sinalizam, inclusive, Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017), uma das contribuições centrais do modelo teórico proposto pelos autores consiste na consideração de que a construcionalização opera a partir de três propriedades, as quais são intituladas como esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade constitui, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 13), “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração”. A noção de esquematicidade está, segundo os autores, intrinsecamente relacionada à noção de rede construcional, uma vez que as mudanças linguísticas seriam interligadas e as construções da língua estariam relacionadas a partir do estabelecimento de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas.

Já a produtividade de uma construção está indiscutivelmente relacionada, como destacam os autores, à noção de frequência, a qual compreende, nos termos de Bybee (2003, 2011), a frequência *token* e a frequência *type*. Enquanto a frequência *token* está relacionada à extensão de uso de determinado construto por parte dos falantes, a frequência *type* está relacionada ao fenômeno que Himmelmann (2004) intitula de *host-class expansion*, uma vez que as construções, ao possuírem natureza relacional e (relativamente) esquemática, podem, ao longo do tempo, ser empregadas em diferentes colocações.

Por sua vez, a propriedade da composicionalidade refere-se ao nível de transparência da ligação entre forma e significado. Em enunciados como *passar a bola* e *chutar o balde*, por exemplo, encontramos um maior grau de decomponibilidade, uma vez que o significado do todo pode ser inferido pelo significado das partes. Já em enunciados como *dar zebra*, *pintar o sete* e *pregar os*

olhos, encontramos um menor grau de decomponibilidade e o princípio da fraca composicionalidade, uma vez que o sentido do todo independe do significado das partes.

Reconhecemos, portanto, que os autores trazem, de fato, uma grande contribuição em relação às proposições já realizadas no âmbito da Gramática de Construções ao buscarem, do ponto de vista teórico, a formulação de um modelo que dê conta da mudança linguística a partir de uma abordagem de natureza construcional.

3. Procedimentos metodológicos

Para a realização da análise apresentada neste trabalho, operamos com um *corpus* compilado e organizado por Santos (2024), o qual é composto por um total de 6 horas e 29 minutos de vídeos retirados da plataforma *online* YouTube, os quais datam do período compreendido entre 2020 e 2023. Nesse sentido, vale destacar que os vídeos foram selecionados de maneira randômica quanto aos temas, contemplando falantes e regiões diversas do Brasil, a fim de garantir maior grau de variabilidade e representatividade.

Como este trabalho visa a realizar também uma análise de *cunho* prosódico, analisando o contorno entonacional dos padrões construcionais identificados e analisados, optamos pela constituição de um *corpus* representativo da modalidade oral. Assim, coletamos excertos de construções com o sufixo *-inho/a*, vinculado a um nome, adjetivo ou advérbio, em contextos de linguagem natural e pouco monitorada.

Levando em consideração que o objetivo deste trabalho é descrever os diferentes pareamentos forma-função das construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, adotamos como procedimento de análise o método misto, que diz respeito ao equacionamento entre as análises qualitativa e quantitativa dos dados, nos termos assumidos por Cunha Lacerda (2016).

O método misto consiste na combinação entre os métodos qualitativos e quantitativos, a fim de ampliar e aprofundar o conhecimento do analista sobre o objeto pesquisado (Johnson, *et al.*, 2007). De modo mais específico, nas análises linguísticas, Schiffrrin (1987) defende a aplicação do método misto, uma vez que permite ao pesquisador dispor de um número elevado de ocorrências e, assim, realizar uma análise mais apurada do objeto investigado e do contexto em que ele se instancia. Sob essa perspectiva, Cunha Lacerda (2016, p. 89) aponta que, no âmbito dos estudos da mudança linguística, o método misto permite ao pesquisador caracterizar padrões construcionais individuais e descrever os contextos de uso em que emergem construtos na língua, que são convencionalizados na língua por meio do aumento da frequência de uso e que estão organizados em esquemas abstratos de natureza cognitiva.

No que tange à análise de *cunho* prosódico, o Praat é um programa criado para a análise linguística da fala por meio da acústica, desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, da Universidade de Amsterdã, na Holanda. Esse software garante um alto grau de controle na análise dos aspectos fonológicos dos áudios dos dados coletados. Tais aspectos desempenham papéis fundamentais na interação dos falantes.

Nesta pesquisa, utilizamos o *software* Praat como ferramenta para a compreensão da própria construção, mais especificamente, de sua parte formal no que tange à sua dimensão fonética, sabendo que a prosódia é um elemento que compõe parte da estrutura de uma construção (Croft, 2001).

No que concerne à pesquisa empreendida, nos apoiamos no modelo Autossegmental e Métrico da Fonologia Entoacional (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 2008) para a análise da prosódia nos dados coletados. Esse modelo interpreta a entoação como uma sequência de eventos fonológicos discretos – acentos de *pitch* e tons de fronteira –. As melodias prosódicas são descritas com base na realização concreta da curva entoacional em valores de F0 fornecidos por programas computacionais.

Os símbolos tonais que representam o contorno entoacional são: H (tom alto) e L (tom baixo). Os acentos tonais são marcados com (*), presentes na sílaba tônica, podendo ser simples (H* ou L*) ou complexos (ex.: H+L*). Já os tons de fronteira são acompanhados pelo símbolo % (ex.: H% ou L%), os quais marcam os limites prosódicos.

A partir do *corpus* constituído, foram levantadas 524 ocorrências, tendo sido todas usadas na análise deste trabalho. Por fim, realizamos pequenos recortes dos áudios dos vídeos selecionados de cada excerto transcrito para submeter ao programa Praat, e, assim, analisar os aspectos formais e funcionais de cada construto.

4. Análise dos dados: construções com sufixo *-inho/a*

Como discutido anteriormente, Traugott e Trousdale (2013) descrevem a língua como uma rede construcional composta por construções de níveis esquemáticos hierarquicamente distintos, os quais são: esquema, subesquema e microconstrução, conforme Traugott e Trousdale (2013). No presente artigo, realizamos um recorte de um trabalho maior, a fim de descrever apenas o pareamento forma-função referente às microconstruções com diminutivo, representado por *-inho/a*, representados por um esquema mais geral e abstrato $\{[X^{N/ADJ/ADV}]\text{-inho/a}\}$, em que *X* pode ser substituído por um nome, um adjetivo ou um advérbio, tal como *quartinho*, *fofinho*, *pouquinho* etc.

Ao longo da pesquisa, identificamos seis microconstruções que se distribuem, por similaridades e por particularidades no que se refere às suas propriedades formais e funcionais. Observamos que a noção de escalonamento perpassa por todas as microconstruções em diferentes níveis de abstração, apresentando uma escala desde uma extensão dimensional até um posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica ou avaliativa. Essa escalaridade incide sobre o grau de engajamento do falante, sendo sua forma codificada por um nome, adjetivo ou advérbio vinculado ao sufixo *-inho/a* com prosódia específica. Além disso, percebemos que há um *continuum* de (inter) subjetividade entre os padrões microconstrucionais, considerando os pressupostos assumidos por Traugott e Dasher (2002).

Encontramos, no *corpus* de investigação deste trabalho, 524 ocorrências no total distribuídas em seis padrões microconstrucionais, os quais são: dimensivo físico, com 96 ocorrências; dimensivo quantitativo, com 26 ocorrências; dimensivo de atenuação temporal, com 16 ocorrências; dimensivo

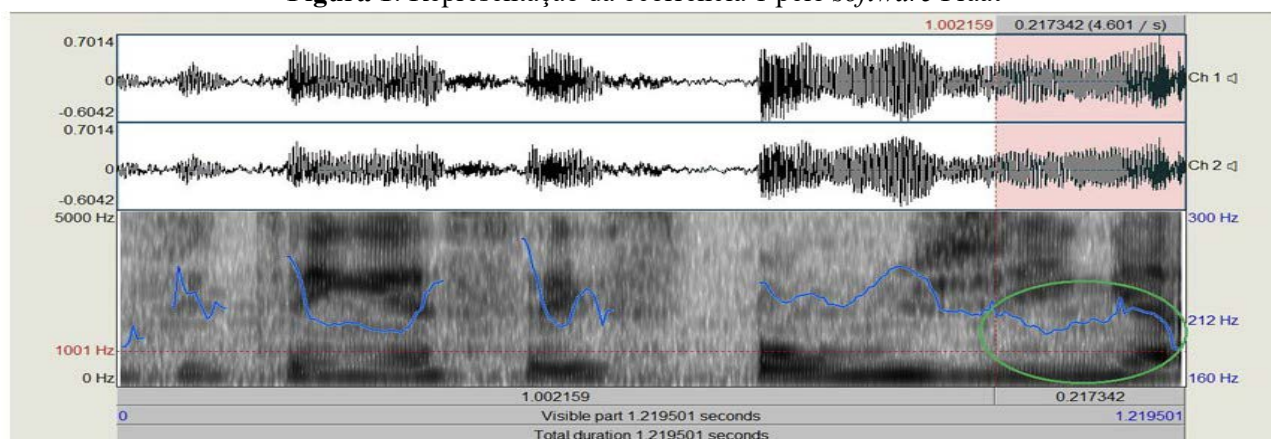
intensivo, com 123 ocorrências; posicionamento modalizador asseverativo-epistêmico, com 01 ocorrência; e, posicionamento avaliativo afetivo, com 262 ocorrências. No que se refere à frequência de dados, as microconstruções com o diminutivo, representado por *X-inho/a*, mostram-se mais produtivas em contextos mais (inter)subjetivos.

O primeiro padrão microconstrucional – *dimensivo* físico – se caracteriza como sufixo de grau para promover uma diminuição do referente no plano físico, caracterizando-se como o padrão [- intersubjetivo] em relação aos demais padrões que foram identificados no *corpus*. Esta microconstrução apresenta a forma [SN^{dimensionável} + -inho/a^{prosódia}], em que há uma restrição de valência lexical (Langacker, 1988) em relação a seu escopo, que só pode ser um sintagma nominal dimensionável, passível de ser diminuído no plano físico, combinado ao sufixo *-inho/a*. Sendo assim, esse padrão microconstrucional revela a função prototípica do diminutivo. A seguir, descreveremos uma amostra, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 1.

- (1) Nina: Esse aqui é novo também. É o ... revloncushionlip tint. Custa \$9,99. Tem essa esponjinha. É bem legal. Tem uma textura bem interessante, assim. Gostei bastante dele. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)³

Na ocorrência (1), a locutora Nina descreve o produto de maquiagem conhecido como *revlon cushion lip tint*, marcando a pequenez da esponja que compõe o produto com o sufixo *-inha* vinculado ao nome esponja, caracterizando esta ocorrência com ancoragem [- intersubjetiva]. Ademais, está presente todos os elementos da forma, isto é, o sintagma nominal – *essa esponjinha* – é dimensionável e vincula-se ao sufixo *-inha*. A análise prosódica da fala confirma a função de dimensionar o tamanho físico, ao apresentar uma baixa extensão da variação do contorno do *pitch*, conforme demonstrado na figura a seguir.

Figura 1: Representação da ocorrência 1 pelo *software* Praat



Fonte: Santos (2024)

³ Disponível em: https://youtu.be/71_fnAvq2TI0. Acesso em: 15 maio 2022. Minutagem do dado: 20 min e 28 s.

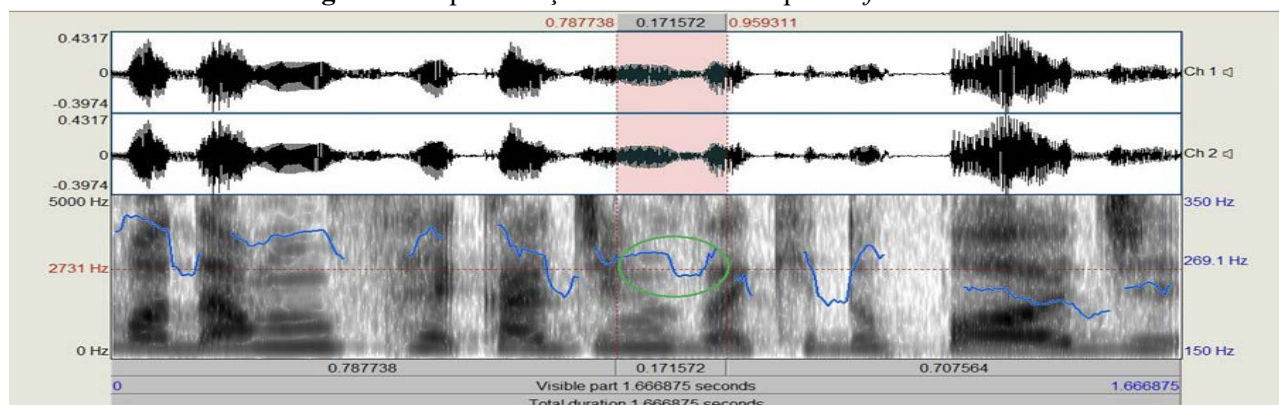
Na figura 1, a análise do contorno entoacional da ocorrência *esponjinha* revela um *pitch range* – a diferença entre o *pitch* mais alto e o *pitch* mais baixo – de 73.1 Hz, demonstrando que há pouca interferência ao longo do contorno entoacional de tons muito altos ou tons muito baixos. O contorno segue o padrão H*L+H+L%, com leve subida na sílaba [es], representado por H e queda na sílaba [inha], representado por L%.

A segunda microconstrução – *dimensivo quantitativo* – define-se pelo uso do diminutivo para diminuir o referente em relação à quantidade, com base na metáfora QUANTIDADE É DIMENSÃO, onde MENOS É MENOR. Esse padrão microconstrutivo expressa uma ancoragem [+ intersubjetiva] do que a primeira, pois o falante expressa o seu posicionamento subjetivo em relação à quantidade do referente. A forma desta microconstrução é descrita como [elemento quantificador/pronome indefinido + SN^{dimensionável} + -inho/a^{prosódica}], em que um sintagma nominal, também restrito ao plano físico e passível de diminuição em quantidade, vinculado ao sufixo *-inho/a*, é precedido de um elemento quantificador ou de um pronome indefinido. A seguir, descreveremos uma amostra, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 2.

- (2) Bruna: Só pra começar vou dar uns recadinhos aqui do POD: pra você se inscrever aqui no canal, em outros canais que agente tem. A gente sempre solta conteúdo. Tem o canal do, é de cortes que, assim, bomba demais. E também tem as nossas reders sociais, que é o Twitter, PodDelas Podcasts. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)⁴

Em (2), a locutora Bruna, ao iniciar a entrevista com a surfista Chloé para o canal PodDelas, faz uso do diminutivo para indicar a pequena quantidade de recados que dará antes de começar as perguntas para a entrevistada. A locutora mapeia o domínio dimensão (menor) no domínio de quantidade (menos recados), representando o esquema mais geral QUANTIDADE É DIMENSÃO, e avalia subjetivamente a quantidade reduzida de recados que serão ditos por ela. A forma consiste no elemento quantificador *uns* precedendo o nome recado, combinado ao sufixo *-inho*. No que se refere ao traço prosódico, não há alta variação na extensão do *pitch*. Vejamos na imagem a seguir:

Figura 2: Representação da ocorrência 2 pelo software Praat



Fonte: Santos (2024)

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/6wl3Iv43o6U?feature=share>. Acesso em: 8 jul. 2023. Minutagem do dado: 1 min e 37 s.

A figura 2 ilustra o contorno do *pitch* da ocorrência (2), em que o emprego do sufixo *-inho* desempenha a função dimensiva quantitativa. O *pitch range* é de 126.6 Hz, com pouca interferência de tons muito altos ou tons muito baixos. O contorno do *pitch* onde ocorre uns recadinhas é descrito por H*L%, apresentando uma elevação em [uns] (H) e descida em [dinhos] (L%), mantendo baixa variação entoacional.

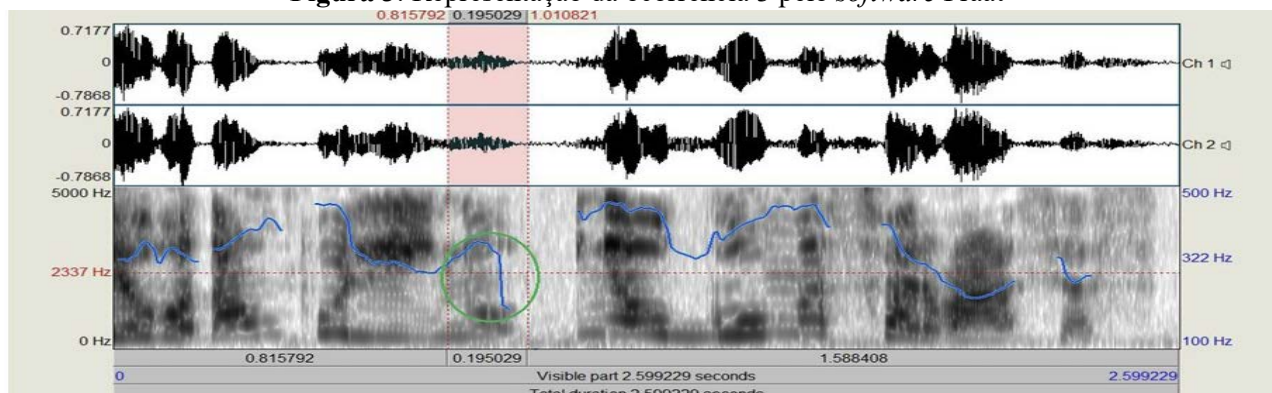
Por sua vez, na microconstrução *dimensivo de atenuação temporal*, o diminutivo é utilizado para promover uma atenuação da extensão temporal de um evento, marcando, dentro de uma escala, a duração mínima temporal de um evento. O falante busca reduzir certos efeitos negativos que a extensão prolongada do evento pode ter em relação ao interlocutor, protegendo a sua face (Goffman, 1967 [1955]). Este padrão microconstrucional possui uma ancoragem [+ intersubjetiva] do que a microconstrução 2. A forma desta microconstrução é descrita como [V + SN^{dimensionável} + *-inho/a*], em que um sintagma nominal dimensionável, vincula-se ao sufixo *-inho/a*, precedido de um verbo. Entendemos que, neste padrão microconstrucional, são recrutados nomes que marcam eventos no plano temporal.

A seguir, descrevemos uma amostra, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 3.

- (3) Nina: Hoje eu vou levar vocês junto comigo, para conhecer as novidades e os lançamentos dos cosméticos e das maquiagens das farmácias americanas. Tô em Orlando. Acabei de chegar aqui. E vou dar um pulinho em algumas farmácias pra ver essas novidades. E mostrar pra vocês em primeira mão. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)⁵

Na ocorrência (3), a locutora, Nina, está em Orlando e, nesse trecho, ela atenua a extensão temporal de suas visitas às diferentes farmácias. A ocorrência vou dar um pulinho é marcada pela brevidade do evento para proteger a face da locutora e evitar efeitos negativos que a extensão prolongada desse evento poderia causar no interlocutor. Todos os elementos da forma estão presentes nesta ocorrência: o verbo *dar* precede o sintagma nominal um *pulinho*, indicando a ação de ir às farmácias. Em relação à análise acústica dessa ocorrência, dar um pulinho também é produzido sem variação significativa dos tons produzidos pela locutora, conforme observamos a seguir:

Figura 3: Representação da ocorrência 3 pelo *software* Praat



Fonte: Santos (2024)

⁵ Disponível em: https://youtu.be/71_fnAvq2TI0. Acesso em: 15 maio 2022. Minutagem do dado: 0 min e 13 s.

A figura 3 mostra a produção oral de *vou dar um pulinho em algumas farmácias americanas*, apresentando baixa variação do contorno do *pitch*, com *pitch range* de 257.4 Hz. O contorno entoacional de *vou dar um pulinho* pode ser descrito por LH*L%, em que se inicia com tons complexos, com um tom mais alto na sílaba [dar] e declínio nas sílabas [li] e [nho]. Como observado na figura, não apresenta alta interferência no contorno entoacional.

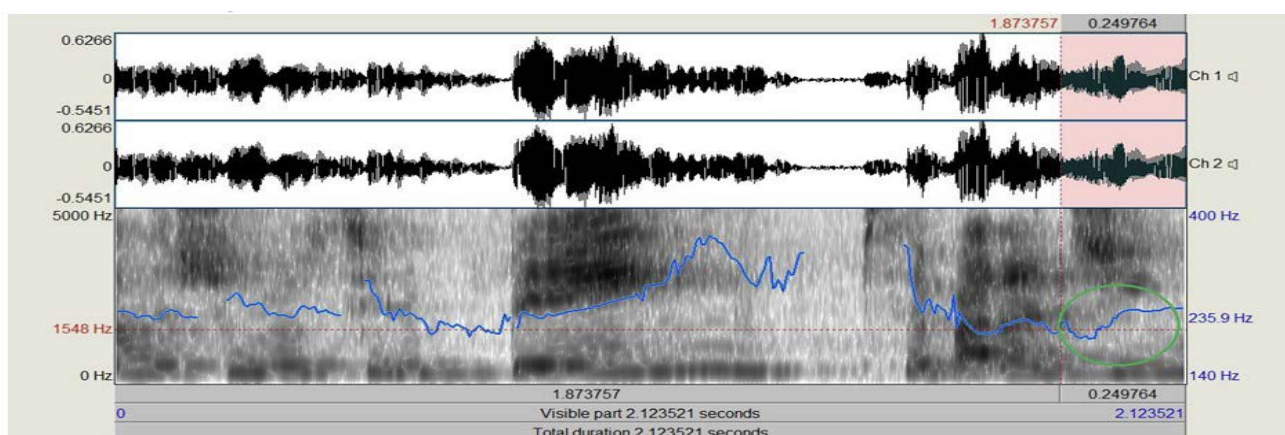
Adiante, na microconstrução *dimensivo intensivo*, o diminutivo tem a função de promover uma intensificação de uma propriedade do referente ou do evento, ou seja, dentro de uma escala, determinada propriedade é elevada ao seu grau máximo. O uso do diminutivo processa-se, então, como uma estratégia de intensificação, operando como um fenômeno semântico-pragmático. Portanto, esta microconstrução é [+ intersubjetiva] do que as microconstruções apresentadas anteriormente.

A forma é descrita como [(elemento intensificador) + SN^{dimensionável} / SADJ^{dimensionável} + -inho/a], em que um sintagma nominal ou um sintagma adjetival vincula-se com o sufixo -inho/a, podendo ser ou não precedido de um elemento intensificador. Nesse padrão, o elemento recrutado para ocorrer com o diminutivo pode ser um elemento de natureza intensificadora ou o sufixo -inho/a pode atribuir ao elemento recrutado essa natureza. A seguir, descrevemos uma amostra, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 4.

- (4) Nina: E a máscara de cílios ... Estou bem surpresa com ela. Deixou o meu cílio bem separadinho, volumoso, alongado. Achei que cumpriu assim o que promete. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)⁶

Em (4), Nina relata a sua opinião sobre determinados produtos de maquiagem. A locutora faz uso do diminutivo em *separadinho* como intensificador a fim de enfatizar a separação dos cílios, como resultado da aplicação da máscara de cílios. Nesta ocorrência, o elemento intensificador *bem* precede o sintagma adjetival *separadinho*, atribuindo-lhe natureza intensificadora. A seguir, apresentamos a tela do programa Praat, a fim de ilustrar os traços prosódicos dessa ocorrência.

Figura 4: Representação da ocorrência 4 pelo *software* Praat



Fonte: Santos (2024)

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/69IILCNuOiQ>. Acesso em: 21 maio 2022. Minutagem: 10 min e 54 s.

Na figura 4, observa-se que o *pitch range* é de 152.45 Hz, indicando baixa interferência nesse evento tonal. A descrição entoacional da ocorrência *bem separadinho* é: H*L%, iniciando com um leve pico na sílaba [bem], seguido de um declínio na sílaba [nho], com tom mais baixo (L%).

A microconstrução 5 – *posicionamento modalizador asseverativo-epistêmico* – tem a função de atribuir veracidade a partir da realidade factual, expressa pelo diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*. Nesse padrão, a noção de escalaridade incide no contexto em que ocorre o construto, e não no elemento recrutado. O falante atribui veracidade àquilo que é dito, com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica, escalonando o seu posicionamento. Desse modo, há um aumento de (inter) subjetividade e do grau de engajamento.

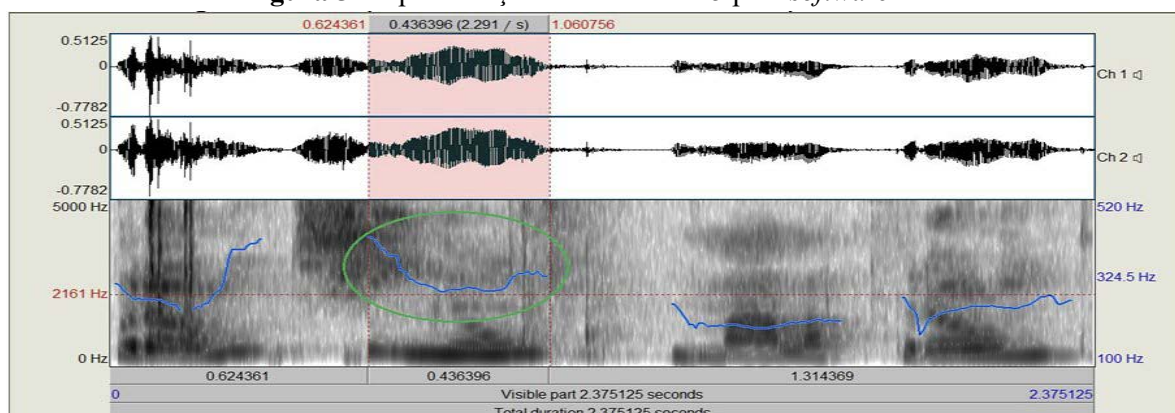
A forma desta microconstrução é representada por [SADJ^{não escalar} + *-inho/a*^{prosódia}], em que há uma restrição de valência em relação a seu escopo, uma vez que o sintagma adjetival recrutado necessariamente não possui propriedade escalar vincula-se ao sufixo *-inho/a*, revelando uma relação de valência lexical (Langacker, 1988). Vejamos abaixo a única ocorrência representante desta microconstrução encontrada no *corpus* analisado.

- (5) Nina: Eu vou hoje e volto amanhã. Então, é uma mala pequena com necessaire, um lookinhopra amanhã e uns casacos. Porque, em Curitiba o tempo é mucholoko, né. Do nada tá calor e do nada tá frio. Pront^{inho}! Mala pronta. Vou levar essa bolsa aqui, vou começar a ler esse livro aqui. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)⁷

Na ocorrência (5), a locutora Nina grava um *vlog* para mostrar a organização de sua mala para uma viagem a trabalho. Ao dizer que a mala está *prontinha*, ela utiliza o diminutivo para atribuir veracidade ao fato, escalonando seu posicionamento e reforçando seu engajamento. Em uma escala, a locutora poderia ser ainda mais expressiva se combinado a outros elementos, *prontinho mesmo*, *prontinho de verdade*, *prontinho realmente*, etc. Na forma, com um sintagma adjetival não escalar – *pronto* – vincula-se ao sufixo *-inho/a*.

Quanto aos traços prosódicos, observa-se alta extensão de variação no contorno do *pitch* e o elemento combinado ao sufixo *-inho/a* é produzido com maior duração. Embora a diferença seja sutil, a análise feita por meio do programa Praat comprova essas características presentes tanto na microconstrução 5 quanto na microconstrução 6, conforme demonstrado na figura abaixo.

Figura 5: Representação da ocorrência 5 pelo *software* Praat



Fonte: Santos (2024)

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/8m9ChCWdmGw>. Acesso em: 20 nov. 2022. Minutagem do dado: 12 min e 3 s.

Na figura 5, o construto *prontinho* desempenha a função de promover o posicionamento do falante, apresentando alta variação no contorno do *pitch* e maior duração (0,43s), sendo o *pitch range* de 250,79 Hz. O contorno entoacional pode ser descrito por L+H*L%, em que se inicia com tom baixo em [pro], atingindo um pico em [ti] e declínio em [nho] (H*L%).

Por fim, na microconstrução 6 – *posicionamento avaliativo afetivo* – o escalonamento está presente na demarcação do grau de engajamento do falante, assim como na microconstrução 5. A função desta microconstrução é promover uma proximidade afetiva em relação ao referente a partir de uma noção de pertencimento. O locutor avalia com base na sua perspectiva interna, levando em consideração seu estado afetivo, emocional ou psicológico (White, 2001), podendo ser positiva ou negativa.

Por meio de processos de metaforização, o falante metaforiza a dimensão física para uma dimensão temporal até passar para um nível ainda mais abstrato, que é a afeição. Logo, a microconstrução de avaliação afetiva é a mais (inter)subjativa, com o maior grau de engajamento do falante, em relação às demais construções.

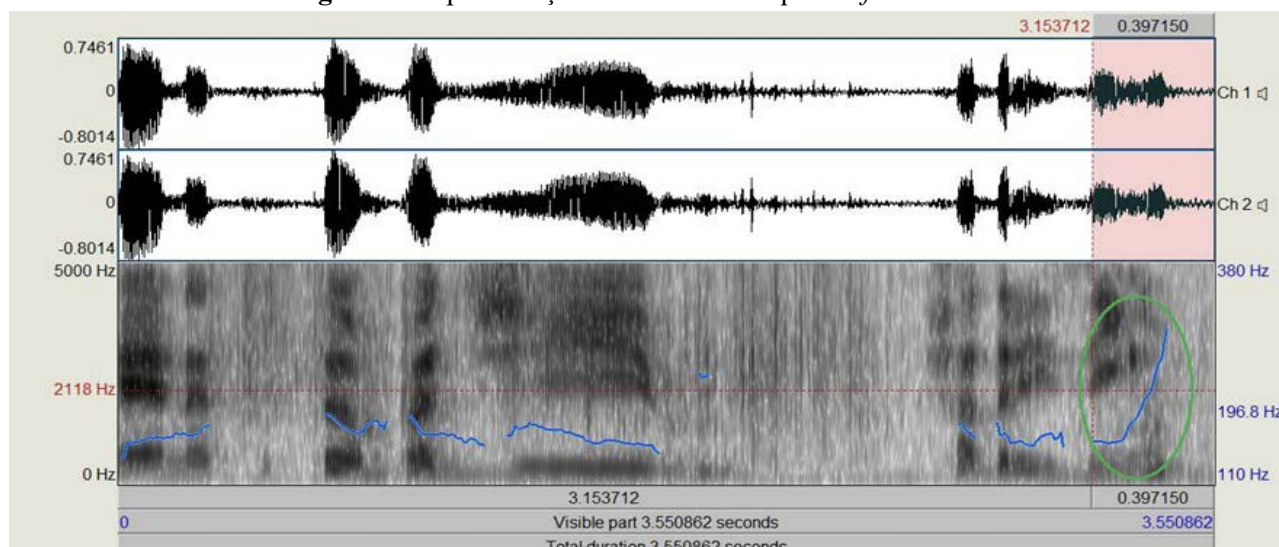
A forma desta microconstrução pode ser descrita como [SN^{com noção qualificativa} / S^{com noção qualificativa}ADJ^{com noção qualificativa} / SPREP^{com noção qualificativa} + -inho/a], em que o sufixo -inho/a vincula-se a um sintagma nominal ou sintagma adjetival ou sintagma preposicional que possua o traço semântico específico de estabelecer uma noção qualificativa. A seguir, descreveremos uma ocorrência, retirada do *corpus* analisado, a fim de ilustrar a microconstrução 6.

- (6) Fabi: Esse aqui também é nessa estampa de xadrez**inho**. E esse aqui eu achei que era um vestido meio cara de patricinha. Bem patricinha, aí coloca uma meia calça e um sapatinho preto, aqueles vernizadinho. Bem patricia. (*Corpus oral vlogs e podcasts* YouTube – anos 2020 a 2023)⁸

Na ocorrência (6), a locutora Fabi mostra as roupas compradas na *Shein* e, ao retirar um vestido xadrez para sua filha, o qualifica como *xadrezinho*. Nesta ocorrência, o diminutivo expressa a função de qualificar o vestido com base no estado emocional, psicológico e afetivo do falante. Estabelecendo, assim, uma noção de pertencimento.

Em relação à forma, estão presentes todos os elementos previstos: o sintagma adjetival formado pelo nome xadrez, o qual exerce função adjetiva, combinado ao sufixo -inho, com noção qualificativa. A seguir, demonstramos a análise acústica desse dado.

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/aE9qALNPd4>. Acesso em: 12 maio 2022. Minutagem do dado: 7 min e 5 s.

Figura 6: Representação da ocorrência 6 pelo *software* Praat**Fonte:** Santos (2024)

Na figura 6, a produção da ocorrência *xadrezinho* tem duração de 0,39s e apresenta alta variação do contorno entoacional, com *pitch range* de 155.54 Hz. Nesse caso, ainda que a diferença entre o *pitch* máximo e o *pitch* não seja tão significativo, o desenho do *pitch* – a linha azul – demonstra que a ocorrência *xadrezinho* é produzida por um pico consideravelmente mais alto em relação ao seu entorno. O contorno entoacional pode ser descrito como padrão L*H%, iniciando com tom baixo em [de] e atingindo um pico em [nho] (H%), evidenciando que a locutora está avaliando afetivamente o referente.

5. Conclusão

No presente trabalho, defendemos que as microconstruções com o diminutivo, representado por *X-inho/a*, instanciam, na língua, diferentes padrões construcionais em variados contextos de uso, os quais, mesmo possuindo similaridades entre si, apresentam especificidades.

Com os dados expostos, evidenciamos que, as construções com o sufixo *-inho/a* analisadas possibilitam o escalonamento em diferentes níveis de abstração em relação a um referente ou a um evento. Essa noção de escalonamento pode estar contida no elemento ao qual o sufixo *-inho/a* se vincula ou pode estar presente no grau de engajamento do falante acerca da proposição por meio da modalização epistêmica asseverativa ou avaliativa.

Verificamos, também, que há um deslocamento de sentidos mais concretos relacionados à realidade para outros com ancoragem mais intersubjetiva, principalmente nos casos em que o elemento que se combina com o sufixo *-inho/a* não apresenta propriedade escalar, que revelaria o posicionamento e as crenças do falante em relação ao interlocutor a depender do propósito comunicativo na interação. Constatou-se, assim, que há um aumento gradual de (inter)subjetividade a partir da microconstrução 1 – menos (inter)subjetiva – até a microconstrução 6 – mais (inter)subjetiva).

Atestamos, por meio da análise quantitativa dos dados, que as construções vinculadas à microconstrução 6, cuja função é marcar o posicionamento avaliativo afetivo do locutor, são as mais frequentes e mais produtivas da rede construcional.

Diante desses resultados, defendemos, neste trabalho, que o locutor utiliza as construções com o sufixo *-inho/a* com propósitos comunicativos específicos, ou para promover uma extensão dimensional – microconstruções 1, 2, 3 e 4 – ou promover um posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverativo-epistêmica ou avaliativa – microconstruções 5 e 6. Sendo que essas construções variam gradualmente desde um polo menos intersubjetivo a um polo mais intersubjetivo.

Nesse sentido, a análise acústica mostrou-se essencial para definir o grau de expressividade nas construções com o sufixo *-inho/a*. O contorno do *pitch*, variando entre tons baixos e altos, ajuda na categorização das ocorrências nos padrões microconstrucionais. A altura do *pitch* indica o grau de (inter)subjetividade, com maior variação em construções mais (inter)subjetivas.

Porquanto, entendemos que a pesquisa realizada será relevante para os estudos que se desenvolvem a partir da língua em uso e, mais especificamente, àqueles que se dedicam a descrever os aspectos formais e funcionais de construções a partir de uma perspectiva construcional.

Referências

- BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. *Anais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (ed.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, pp. 602-623. DOI: <https://dx.doi.org/10.1002/9780470756393.ch19>.
- BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>.
- BYBEE, J. L. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, pp. 69-78. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199586783.013.0006>.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional – reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. 1, 2016, pp. 83-101. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440>. Acesso em: 08 jan. 2025. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5440>.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, pp. 13-44.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CUNHA LACERDA, P. F. A. da. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; CEZÁRIO, M. M. (org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017, pp. 17-45. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/nupact/files/2019/09/As-principais-contribui%C3%A7%C3%B5es-da-abordagem-construcional-da-mudan%C3%A7a-no-contexto-da-Lingu%C3%ADstica-Funcional-Centrada-no-Uso-evid%C3%A2ncias-a-partir-de-um-estudo-de-caso.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behaviour*. New York: Pantheon Books, 1967 [1955].

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199268511.001.0001>.

GOLDBERG, A. E. A constructionist approach to language. In: Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. *Anais*. 2016.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 207.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N.; WIEMER, B. (ed.). *What makes Grammaticalization?*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2004, pp. 21-42. DOI: doi.org/10.1515/9783110197440.1.21.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. Toward a Definition of Mixed Methods Research. *Journal of Mixed Methods Research*, Pennsylvania, v. 1, n. 2, 2007, pp. 112-133. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1558689806298224>.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511808814>.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. The nature of grammatical valence. In: RUDZKA-OSTYN B. (ed.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. pp. 91-125. DOI: <https://doi.org/10.1075/cilt.50.05lan>.

LANGACKER, R. W. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110857733>.

PIERREHUMBERT, H. *The phonology and phonetics of English intonation*. 1980. 401 f. Tese (Doutorado em Linguística) – MIT, Boston, 1980. Disponível em: https://www.phon.ox.ac.uk/jpierrehumbert/publications/Pierrehumbert_PhD.pdf. Acesso em: 06 fev. 2025.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 60, n. 2, 2016, pp. 233-259. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 05 fev. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>.

SANTOS, D. R. *O uso do diminutivo no contexto da abordagem construcional da mudança*. 2024. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16914>. Acesso: 16 jan. 2025.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*, Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511611841>.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486500>.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>.

WHITE, P. R. R. *An introductory tour through appraisal theory*. 2001. Disponível em: <https://www.grammatics.com/appraisal/appraisaloutline/appraisaloutline.doc>. Acesso em: 10 fev. 2025.